



8º Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia: Comunicação Rural

Fábio Mosso Moreira
Fernando de Assis Rodrigues
Ricardo César Gonçalves Sant'Ana
(Orgs.)

Fábio Mosso Moreira
Fernando de Assis Rodrigues
Ricardo César Gonçalves Sant'Ana
(Orgs.)

**8º Ciclo de
Estudos Dados,
Informação e
Tecnologia: Comunicação
Rural**

Grupo de Pesquisa Tecnologias de Acesso a Dados –
GPTAD
Tupã-SP
2019

8º Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia: Comunicação Rural
Copyright © 2019 GPTAD – Grupo de Pesquisa Tecnologias de Acesso a Dados

Organizadores | Organizers | Organizadores

Fábio Mosso Moreira
Fernando de Assis Rodrigues
Ricardo César Gonçalves Sant’Ana

Projeto gráfico e editoração | Graphic project & publishing | Diseño gráfico y edición

Fábio Mosso Moreira
Fernando de Assis Rodrigues

Capa | Cover | Tapa

Fábio Mosso Moreira

Equipe Técnica | Technical Team | Equipo Técnico

Fábio Mosso Moreira
Fernando de Assis Rodrigues
João Vitor dos Santos Vieira
Noeli Almeida Pereira
Ricardo César Gonçalves Sant’Ana

C737 8º Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia: Comunicação Rural / Fábio Mosso Moreira, Fernando de Assis Rodrigues, Ricardo César Gonçalves Sant’Ana (org.). – Tupã : Faculdade de Ciências e Engenharia UNESP – Câmpus de Tupã, 2019.

56 p. : il. gráfs., tabs.

Inclui bibliografia.

ISSN :

1. Dados. 2. Informação. 3. Tecnologia. 4. Comunicação Rural. I Moreira, Fábio M. II Rodrigues, Fernando de A. III Sant’Ana, Ricardo C. G. VI Informação, Dados e Tecnologia.

CDD 020

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8cedit/

Sumário

Apresentação 8º Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia: Comunicação Rural	
Fábio Mosso Moreira.....	4
Agroprosa – melhorando o diálogo no campo	
Cristiane Hengler Corrêa Bernardo.....	6
Extensão rural: os desafios da comunicação na agropecuária	
Juliana Correa Bernardes.....	17
Mesa de debates do 8º Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia	
Cristiane Hengler Corrêa Bernardo, Juliana Correa Bernardes, Elizabete Cristina de Souza de Aguiar Monteiro e Fábio Mosso Moreira.....	30
Questões de consciência sobre a coleta de dados de usuários por bibliotecas digitais	
Elaine Parra Affonso.....	45
Plano de gerenciamento de dados em repositório de dados de universidades	
Elizabete Cristina de Souza de Aguiar Monteiro.....	51



Apresentação | 8º Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia: Comunicação Rural

Fábio Mosso Moreira^a

O Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia (CEDIT) é organizado pelo Grupo de Pesquisa Tecnologias de Acesso a Dados (GPTAD) em conjunto com o Projeto Competências Digitais para Agricultura Familiar (CoDAF). O evento é realizado na Faculdade de Ciências e Engenharia (UNESP/Tupã), e tem como objetivo proporcionar debates e reflexões a partir de seminários apresentados por professores e pós-graduandos, abordando, de forma interdisciplinar, problemas e temáticas correlatas às áreas de Administração, Engenharia de Biosistemas, Ciência da Informação, Agrárias, e de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).

Em sua 8ª edição, ocorrida no dia 30 de março de 2019, o evento contou com duas palestras que abordaram a temática da Comunicação Rural: a primeira, intitulada “Agroprosa – melhorando o diálogo no campo”, foi ministrada pela professora Dra. Cristiane H. C. Bernardo (UNESP), e abordou os desafios da comunicação entre produtores e pesquisadores em processos de coleta de dados, e; a segunda, intitulada “Extensão rural: os

a Mestre em Ciência da Informação. Estudante de Doutorado em Ciência da Informação na UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: fabio.moreira@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4997-7958>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1614493890723021>.

desafios da comunicação na agropecuária”, foi realizada pela professora M.S. Juliana C. Bernardes (UEL), e tratou sobre a troca de informações entre técnicos extensionistas e produtores, destacando o papel das políticas públicas de ATER.

Além das palestras, também houve duas apresentações de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, referentes às pesquisas realizadas por integrantes do GPTAD. Tais pesquisas abordavam problemas e temáticas relacionadas com dados, informação e tecnologia.

Ao final, uma mesa de encerramento foi composta para debater convergências entre o conteúdo das palestras com os resultados dos artigos apresentados. Cabe especial destaque, ainda, à inovadora proposta de divulgação dos vídeos, dos slides, e das transcrições das apresentações, contribuindo, assim, para a ampliação das possibilidades de acesso e uso do rico conteúdo resultante das diversas atividades do evento.



Agroprosa – melhorando o diálogo no campo

Cristiane Hengler Corrêa Bernardo^a

Transcrição da apresentação

Bom dia, fiquei muito feliz com o convite do Fábio e do Professor Ricardo para estar aqui hoje com vocês, é a minha primeira vez aqui no grupo e espero que seja a primeira de muitas. Fiquei bem contente pois a temática “Comunicação rural” é a minha temática de pesquisa, então acho que a gente vai poder discutir algumas coisas interessantes aqui, estou sempre disposta a discutir isso.

O título da minha apresentação hoje é “Agroprosa melhorando o diálogo no campo”. É um evento que a gente realiza, ele é bienal e tem aberto diversas questões de pesquisa em diversas problemáticas.

Essa foto (slide) eu trouxe aqui só para ilustrar, foi de uma mesa redonda que nós fizemos no primeiro evento e onde a gente reuniu os diversos meios que compõem a comunicação rural, então a gente tem representantes dos produtores rurais, pesquisadores, a APTA, a CATI e a alguns sindicatos.

Então a gente trouxe todo mundo nessa mesa para discutir a questão da Comunicação Rural, e eu quis começar com isso

a Livre docente em Comunicação Empresarial. Professora na UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: cristiane.bernardo@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9957-7437>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9283539953757012>.

porque nesse dia, em específico, eu pude perceber como o diálogo na comunicação rural é importante. Naquele dia, um membro do auditório perguntou sobre algum problema: olha qual é o principal problema regional de vocês hoje? Não me lembro agora especificamente qual era o problema, mas nesse momento a pesquisadora da APTA falou: para esse problema a gente já tem a solução há bastante tempo.

Aí eu falei, puxa vida, como que o produtor está lá no campo com um problema e ele não sabe que já existe a solução pra isso. Então isso começou a me motivar a ir em direção a estreitar esses diálogos do produtor com os extensionistas e os agentes de pesquisa, porque muitas vezes o extensionista vai para o campo com uma prática que às vezes já é uma prática ultrapassada, um conhecimento ultrapassado que ele não vê na universidade, e nem a universidade vai até o extensionista para passar as novidades.

O que a gente chama de divulgação científica propriamente dita? Porque a gente faz muita divulgação científica em periódicos para os nossos pares, mas será que a gente está fazendo certo? Será que realmente isso que a gente precisa fazer?

Nesse mesmo dia a gente recebeu aqui um profissional de uma fundação que estava ligada a uma cooperativa lá no estado do Paraná, e ele mostrou uma realidade totalmente diferente para gente, porque lá existe esse diálogo. Lá a fundação era mantida pela cooperativa, então os próprios pesquisadores estavam totalmente ligados às demandas dos produtores. E aí havia um diálogo totalmente presente, logo o pesquisador tinha um campo totalmente aberto para pesquisa, ele não tinha resistência, porque hoje a gente encontra muita resistência quando a gente vai no campo e eu gostaria de debater isso com vocês.

A resistência é porque o produtor é um sujeito matuto, ele tá lá no meio do mato, não quer conversar com a gente. Eu realizei uma pesquisa em 2016 onde tenho dados de que 80% dos 150

produtores entrevistados acreditam na pesquisa, mas 90% nunca teve uma devolutiva de pesquisa, 95% não conhece as instituições de pesquisa da região onde ele está, sendo que todas as pesquisas foram realizadas em regiões onde havia uma agência de pesquisa.

Isso é muito grave, a gente precisa parar para pensar nisso, essa pesquisa que eu estou dizendo pra vocês ela foi realizada nesses três estados: São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A gente pegou alguns pesquisadores que estavam trabalhando com coleta de dados com produtores e fizemos uma análise do instrumento de pesquisa deles, e depois ele indicou pra gente 10 produtores para que a gente entrasse em contato para fazer uma avaliação do entendimento dele com relação ao instrumento de coleta. Isso trouxe dados pra gente, não só do instrumento propriamente dito, mas da abordagem e da forma como o pesquisador aborda o produtor rural, então são dados muito interessantes.

Os produtores acreditam na pesquisa, 39%, a maioria dos produtores acreditam que a pesquisa possa solucionar os problemas deles. Mas a maior parte não tem acesso aos resultados, e também não tem acesso ao centro de pesquisa e até universidades.

E aí nos relatos você ouve as coisas mais absurdas, como: eu não sei como que eu vou chegar lá e procurar um pesquisador; é muito difícil eles atenderem a gente; então você vê que até a forma como a gente se coloca para o produtor dificulta a vinda dele. Mas também se ficamos muito naquela passividade, a gente não vai espera que ele venha.

A gente tem que pesquisar pra fazer acontecer, tem aula pra administrar, tem extensão pra desenvolver, mas essa extensão não envolve esse sujeito da nossa pesquisa, a gente só vai até o produtor para coletar dados. Quantos vão para dar uma devolutiva da pesquisa? Para dar um curso, assim como o CoDAF costuma promover aqui?

São poucos, e aí o produtor se fecha mesmo porque ele fala: puxa vida eu perco um tempão aqui para atender o pesquisador, ele vem aqui coleta um monte de dados que nem sei direito para o que é.

Às vezes a gente chega para coletar dados e a primeira coisa que o produto fala é se é para aumentar imposto. Eles já está tão calejado das coisas que o governo produz pra eles, das políticas públicas que nunca chegam direito, ou quando chegam, chegam com ônus muito maior do que o bônus que elas deveriam proporcionar.

Então aqui eu trouxe pra vocês essa pesquisa que a gente fez com os produtores e os pesquisadores de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, e a percepção do produtor com relação à pesquisa e ao instrumento de coleta de dados.

A gente percebe aqui nessa comparação como está desconexo uma coisa da outra, por exemplo, os pesquisadores acham que o vocabulário é fundamental estar adequado para o produtor, e tem que tá mesmo, só que eu acho que eles não estão conseguindo, porque o produtor coloca em primeiro lugar que ele não entende o instrumento de coleta, que está totalmente desconexo.

Em segundo lugar, os produtores disseram que não se sentiram confortáveis com perguntas pessoais. Olha só, para os pesquisadores as perguntas pessoais vão lá pra baixo, em oitavo e nono lugar. Eles não se preocupam de evitar o tipo de pergunta pessoal, já vi vários pesquisadores chegarem e falar: olha, a gente não vai perguntar nada pessoal, mas me diz qual que é a renda da sua propriedade. Então muitas vezes o produtor fica extremamente desconfortável, principalmente quando ele não tem uma relação de confiança.

Essa relação de confiança só vai nascer com o diálogo. Não adianta irmos de uma vez lá e querer tirar todas as coisas deles, temos que estabelecer uma relação de confiança, e eu tenho

certeza que os pesquisadores do CoDAF têm melhor acesso aos produtores que vêm sempre aos cursos e que estão estabelecendo essa relação de confiança com os outros.

Então isso é natural, eu tenho uma orientada que é produtora rural, e ela participou aqui com vocês então muitos devem conhecer. Ela tinha muito mais facilidade de coletar dados porque o produtor confiava nela, porque sabia que ela não ia usar aqueles dados para prejudicá-lo. Não que a gente vai fazer isso, mas talvez a gente não consiga passar essa confiança.

Em terceiro lugar os produtores dizem que os pesquisadores deveriam perguntar o que eles querem falar, ou seja, ir em encontro das demandas deles. A gente aqui, fechado em nos nossos gabinetes, nas nossas salas de pesquisa, achamos que sabemos o eles precisam, em vez de ir lá e saber o que estão precisando.

Muitas pesquisas alcançariam seus objetivos muito mais facilmente se elas viessem de uma demanda do próprio produtor, e apenas alguns profissionais entre os pesquisadores do Paraná indicaram isso como um agente facilitador.

Em quarto lugar, a identificação é um aspecto importante. Você deve se identificar em um instrumento coleta, da onde você é, e quanto à sua própria identificação, se você está identificado para coletar dados. Se falar que é da UNESP e não tiver uma carteirinha para mostrar, a gente tem que estar identificado, ou com carro da universidade, ou estar com uma camiseta ou um documento que possa identificar que você realmente é um pesquisador da UNESP.

Então eles sentem muita falta porque muitas vezes eles não sabem de onde você é de fato, e como hoje em dia a gente tem medo de abrir o portão de casa para alguém que vem falar que vai fazer uma pesquisa, eles também no campo, eles ainda estão mais suscetíveis a bandidos e a agentes mal intencionados.

A questão do tempo de resposta também, muitas vezes a

gente vai com pouco tempo para a coleta de dados. Entrevista com o produtor gente tem que ter tempo, a gente vai sentar, a gente vai tomar aquele café que ele vai oferecer pra gente, vai comer aquele pãozinho de casa, a gente vai sentar lá e deixar ele falar, e manter uma relação um pouco mais de confiança, de simpatia, de empatia para que ele possa responder.

Muitas vezes também ele vai contar um monte de coisa que não tá ali no seu instrumento naquele momento, mas isso faz parte, a gente tem que entender que faz parte do processo de coleta de dados, e muitas vezes o caderno de campo junto é fundamental porque às vezes ele vai trazer informações muito mais ricas do que aquelas que estavam no formulário, isso é muito importante.

Da mesma forma, em sexto lugar ele aponta, e ninguém apontou isso nem como um facilitador nem como um dificultador, que é o fato de não dispor das informações de cabeça. Essa preocupação figura em respostas extras de apenas três pesquisadores que fizeram essa observação, e o produtor coloca isso como sexto lugar em ordem de importância, ou seja, você vai e pergunta quantos hectares tem, ou qual o número do teu rebanho se ele for um pecuarista, ou quanto produz de tal coisa, às vezes ele não tem esses dados. Na abordagem, a hora que você vai marcar uma entrevista, é importante pedir para que ele tenha esses dados em mãos, se realmente vai ser importante para sua pesquisa, porque às vezes isso está lá no escritório ou está lá com o contador, então ele já traz para pesquisa. Muitas vezes o pesquisador fala: ah, mais fala aí aproximadamente, porém às vezes não é o aproximadamente que você precisa.

Em sétimo, não compreender para que serve a pesquisa. Isso é fundamental que a gente deixe claro para ele, o porque que você está fazendo isso, e o que vocês vão fazer com isso, então deixar claro qual que é o objetivo da tua pesquisa.

O oitavo, questionário muito longo para responder. É

quando o instrumento demora muito tempo e às vezes ele não tem esse tempo todo também. Nas questões de múltipla escolha o produtor alega que não lembrava das alternativas, então se tem alternativas como você está aplicando um formulário e ele não lembrava das alternativas, falar era o ideal, e dar também pra ele fazer uma cópia para ele ir acompanhando as pergunta.

Eu não trouxe todos os dados porque era impossível pelo tempo, mas diante de tudo a gente fez, um modelo do que seria ideal pra a gente sobre os cuidados que a gente teria que ter enquanto pesquisador, tanto na abordagem quanto na elaboração do instrumento, eu vou ler rapidinho pra vocês, mas assim, na escolha do instrumento a gente tem que saber qual é o objetivo da nossa pesquisa, qual o público, qual é o tempo que a gente tem de coleta de dados, o vocabulário é fundamental e para isso um teste-piloto ajuda muito.

A verba que a gente tem. Se a gente tem verba para poder fazer uma coleta grande ou não tem, hoje é um problema de exequibilidade mesmo da pesquisa, é um instrumento impresso de preferência em papel timbrado que pode ser identificável. Os objetivos apresentados no instrumento também, porque se você vai dar uma cópia para ele, ele vai lendo esses objetivos.

De forma muito simples, muito objetiva, é observação sobre o sigilo de dados apresentado no instrumento, que esses dados vão ser anônimos, que ele não vai ser identificado, que esses dados só vão ser utilizado para essa finalidade, inclusive os comitês de ética vem exigindo, de preferência, para não se identificarem no instrumento respondente. Você pode criar um código para você saber, mas de forma a ele não se identificar.

Elaborar questões bastante objetivas, evitar questões desnecessárias, evitar instrumentos muito longos quando possível, evitar questões pessoais desnecessárias também, e oferecer questões fechadas quando já tiver alternativas conhecidas, porque isso ajuda também, deixando sempre uma

opção para outras alternativas que podem ser apresentadas em faixas, como, por exemplo, questão de rendimento, produção, área. Muitas vezes as características são tão próprias daquela propriedade que se você não colocar entre faixas você vai saber o que é aquilo, quem ler já vai saber da onde você está falando, e apresentar também questões abertas para a riqueza de detalhes.

E com relação a abordagem, aplicar presencialmente, individualmente, e às vezes com intermediação para agendamento, porque se você não tem um contato com esse produtor mas tem alguém que tem e que já tem uma relação de confiança, ele vai transferir essa relação de confiança para você, mesmo que parcialmente, porque sabe que você foi bem indicado, igual quando a gente vai contratar alguém e vem com uma carta de referência. É mais fácil dar treinamento quando, por exemplo, não é só você que vai aplicar, se vai ter um grupo de pesquisadores que vai aplicar pra você o instrumento, se é teste-piloto para calibrar esse instrumento, e explicar os objetivos da pesquisa, mesmo que eles estejam lá no instrumento é importante que você explique para que ele tenha realmente esse conhecimento.

Aqui tem uma coisa importante, evitar o uso do gravador ou de filmagem desnecessariamente, às vezes a gente sabe que vai ser necessário ou ser vai ser fundamental dependendo muito do objetivo da pesquisa, mas se for desnecessário evite, porque isso intimida alguns públicos, e o produtor rural é um deles.

Ter sempre um caderno de campo, que é aquilo que eu falei pra vocês, que vai ajudar muito quando você tem dados extraoficiais no formulário, e explicar quando não entenderem a questão, mas sem interferência, porque quando a gente está aplicando às vezes a gente tende a ter uma tendência de responder tal coisa. Vamos tentar não interferir, ler em tom audível e devagar, isso foi uma das reclamações de muito produtor, a pessoa lia, eu não entendia o que ela lia, então até isso dificulta a

coleta de dados em caso de questões pessoais necessárias e expor os motivos que você precisa dessa informação.

Então gente, basicamente são essas questões, e depois a gente vai ter um espaço para debate e estarei aberta para gente discutir um pouco mais sobre isso. Obrigada.

Vídeo da apresentação

Título: Agroprosa – melhorando o diálogo no campo



Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8credit/video.php?id=1

Slides da apresentação

Título: Agroprosa – melhorando o diálogo no campo



8º CEDIT - Ciclo de Estudos Dados, Tecnologia e Informação

Agroprosa – melhorando o diálogo no campo

Faculdade de Ciências e Engenharia – UNESP
Profa. Dra. Cristiane Hengler Corrêa Bernardo

Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8cedit/presentation.php?id=1



Extensão rural: os desafios da comunicação na agropecuária

Juliana Correa Bernardes^a

Transcrição da apresentação

Bom dia a todos, também agradeço ao convite do Fábio, do professor Ricardo, eu tenho uma imensa honra de estar aqui hoje. Quando estive aqui na UNESP, participei do grupo da CoDAF e foi um período muito importante na minha vida, para me desenvolver enquanto aluna, enquanto profissional, e para compartilhar conhecimento com os amigos e aprender sempre. Então, a gente fica até um pouco emocionada de estar aqui hoje e poder contribuir com vocês.

A minha fala, que é depois da fala da professora Cristiane, traz tanto conhecimento técnico quanto conhecimento de docência e de pesquisa, e é uma fala mais de experiência na prática, é como nós lidamos com esses desafios de extensão principalmente no que tange à questão da comunicação que é a principal. Nós podemos dizer que a comunicação não é a solução para tudo, seria pretensão, mas nós podemos afirmar que sim, ela é a ponte para nós alcançarmos a solução.

Vamos entender um pouquinho como é que funciona essa

^a Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento. Estudante de Doutorado em Ciência Animal - Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: bernardescj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4541-4691>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2106092141135045>.

questão da comunicação na prática com os produtores. Quando a gente pensa em extensão rural a gente pensa que a gente está dentro de um objetivo no qual nós vamos levar informações para os produtores para os grupos e essas informações serão transformadas e elas vão mudar o ambiente em que os produtores se encontram. Eu acho que eu trouxe aqui essa imagem que ilustra de uma maneira bem interessante. Então ali nós temos a parte em que estamos recebendo as informações e depois que o indivíduo conseguiu assimilar essas informações, ele transforma isso em criatividade em produtividade e eficiência dentro do seu setor.

Nós temos que entender que essas ferramentas precisam ser direcionadas de uma maneira para que isso tudo aconteça de fato, e não seja só um diálogo que vai ser perdido ou não seja só uma informação que não vai ser colocado em prática. Então vamos entender primeiro como é que se dá à questão da extensão rural do país. Se a gente for lá atrás na história e buscar os meios de comunicação, quando eles foram criados, nós vamos observar que a extensão rural no Brasil, embora que em cada estado do país, essa extensão aconteceu em momentos diferentes com altos e baixos.

Teve a questão da revolução verde, lá em Minas Gerais, por exemplo, a associação de crédito e assistência rural já começou a desenvolver esses encontros. E qual era o objetivo deles? Olha, nós precisamos juntar todo mundo e conversar, porque o produtor tem dificuldade com uma coisa outro também têm essa mesma dificuldade ou outro ter uma dificuldade diferente. Se nós conseguirmos juntar todo mundo e conversar talvez as informações vão contribuir e nós vamos melhorar alguma coisa do que está acontecendo.

E o objetivo é: nós vamos às propriedades também, nós vamos analisar as lavouras, nós vamos observar os rebanhos, nós vamos verificar como se dá essa relação da família, da sanidade

local, nós vamos tentar entender como que nós vamos fazer para que as coisas melhorem naquele ambiente. É tudo muito bonito, a proposta é muito interessante, só que nós sabemos que a prática não é bem assim. Até porque tem as dificuldades da abordagem da comunicação tem a dificuldade do que eu estou levando, talvez, na unidade daquele produtor e nem sempre aquela informação é necessária naquele ambiente e eu posso também correr o risco de chegar em um ambiente que eu não conheço e não entendo como que acontece as coisas ali e acabo deixando passar alguma coisa que para o produtor é importante.

Isso acontece muito, por exemplo, com o extensionista que está vinculado às associações privadas ou a empresas, então de repente eu chego em um rebanho e falo, olha, o seu gado tá com o score corporal (que é um índice que vai medir se o animal está magro ou não) muito baixo, então eu venho aqui eu estou oferecendo para você um suplemento, esse suplemento é sensacional, o seu animal vai comer e tem um alto teor de proteína que é o que faz uma conversão alimentar maior e vai fazer com que esse animal ganhe peso. Só que eu não observei o pasto, poxa esse animal não está precisando de um suplemento, o proprietário que às vezes nem têm dinheiro para investir no suplemento, ele está precisando de alguém que orienta ele a fazer o manejo de pasto, porque aquela grama também vai fazer a conversão alimentar e também vai aumentar o score corporal daquele animal.

Então o que eu enquanto extensionista tenho pensado e tenho me colocado tenho feito esse exercício de me colocar no lugar do produtor? As vezes é muito mais simples, é a questão do anotar, do dado, o produtor rural gente é muito engraçado essa fala, mas é uma realidade. O produtor rural tem muita dificuldade de anotar. Eles falam assim: “Ah tá tudo aqui na minha cabeça”. Eu fico com uma inveja, porque eu falo assim “gente eu não sei o que eu fiz de manhã”. Se eu não anotar nem tentar traçar as

minhas informações ali de um jeito que me ajude a lidar com minha rotina, com o meu cotidiano, eu não consigo. Eu esqueço as datas, eu esqueço as informações e nós sabemos que eles também esquecem. Mas é porque também a gente entra em contato um outro desafio, que é a cultura e a gente vai falar um pouco mais disso.

Então vamos entender primeiro como é que funciona a Assistência Técnica e Extensão Rural do país. Quais são os setores que eles desenvolvem? Quando nós acessamos a página da ATER, nós temos esses quatro elos que estão relacionados à ATER.

O primeiro elo é: Apoiar projetos – ferramenta de desenvolvimento rural. E nós temos políticas públicas direcionadas para médios e pequenos produtores. E quando nós vamos estudar essas políticas públicas nós somos surpreendidos. Por quê? Porque o manual de crédito ao produtor rural, oferece algumas lacunas que acabam sendo excludentes para esses produtores, há alguns critérios que excluem. Então por exemplo, “olha para você conseguir esse empréstimo você precisa está vinculado ao Pronaf”, mas as vezes aquele proprietário não consegue também atingir os critérios que façam com que ele se vincule o Pronaf. Poxa então essa política pública não está conseguindo agregar todo mundo, ela está excluindo um grupo! Vamos repensar isso ‘aí’.

Um outro setor. Monitoramento de ações e indicadores de resultado – nesse setor eles abrem espaços para que seja feita investigação de como está acontecendo essa assistência rural. Será que ela está sendo eficiente? Será que realmente os produtores estão sendo atendidos? Eles fazem uma avaliação.

O próximo setor é a Capacitação de produtores técnicos, parcerias e ações – são os cursos oferecidos pelo Pronaf e pelo SENAR. Esse setor particularmente é um setor que eu vejo que é bastante significativo dentro da ATER, porque esses cursos são

bastante importantes para os produtores. Eu tive a oportunidade de participar de um desses cursos (que é o Pró-leite) e realmente é um curso que é eficiente e que eu vejo que traz bastante resultado positivo para os produtores.

E por fim o Desenvolvimento da classe média rural – que é essa atenção específica para os produtores menores, para que os produtores que têm dificuldade, mas que nós já vimos quando nós vamos estudar as políticas públicas que acaba sendo infelizmente excludente, não é oferecida para todos.

E ‘aí’ gente, o produtor rural se vê sozinho. Porque ele tem todas as informações então tem o extensionista que vai conversar com ele, o vizinho que vai falar pra ele que ele fez tal e tal e tal coisa funcionou para ele fazer também, ele tem a preocupação de que ele precisa plantar, de que ele precisa comprar o insumo pra oferecer para a vaca dele, para dar leite para ele sustentar a família, ele está com esse problema de que ele não tem dinheiro para investir tudo no vermelho e tem muita coisa para arrumar e ele entra num conflito.

Esse conflito, quando ele encontra essa questão do extensionista que têm dificuldade da abordagem, o extensionista que têm dificuldade do olhar, isso tudo piora a situação dele. Ele se vê muito sozinho, porque a gente tem que pensar que o produtor rural trabalha com uma margem de muito alta!

Quando ele consegue empréstimo, ele investe na produção dele, mas ele também tem a questão do problema climático que vai interferir na produção dele, ele tem a questão dos problemas de rotina os desafios, ele está preocupado sustentar a família, ele esta preocupado com os filhos na escola, ele está preocupado se ele está investindo na propriedade dele e se o filho dele vai continuar ou não com aquela propriedade, porque às vezes é um trabalho que está investindo que veio desde o avô do pai dele, mas que o filho não tem interesse de continuar. Então, estou trazendo essas questões, esses conflitos do produtor porque eles

relatam todas as coisas para nós. É como a professora Cristiane exemplificou na fala dela “quando a gente cria esse vínculo com o produtor e existe essa abertura de uma conversa mais franca, isso tudo é exposto para nós e o que eu falo e o qual é o tipo de informação ou de motivação que eu posso passar para esse produtor?” Eu não estou na pele dele, eu não estou vivenciando os desafios que ele vencia, mas eu posso sim tentar ajudá-lo a pensar nas melhores tomadas de decisão.

Eu adoro essa imagem. É uma imagem que quando eu vi a primeira vez, eu tive o contato no grupo CoDAF, e eu ficava pensando “como é que vão explicar essa imagem para o produtor rural?” e fiquei aqui quebrando a cabeça. Bom, vamos tentar explicar essa imagem para o produtor rural. E eu tentando explicar pro senhor João (João é um nome fictício). “Mas vamos lá senhor João. Quando nós temos um negócio, quando nós tentamos gerir uma propriedade, nós temos que pensar que nós temos diversas etapas. Então vamos entender essa imagem. O objetivo dela chegar lá a sabedoria, Quando eu tenha sabedoria, claro, os desafios vão continuar? Vão continuar! Da sabedoria ela respalda com que eu tenha melhores tomadas de decisão, ela me traz alguns confortos né comparado quando eu não tenho essa sabedoria então vou passar por muito mais riscos.”

Então vamos pensar na produção de leite. O que seria o dado? O dado seria: a vaca produz em média 20 litros de leite por dia. Isso é um dado. Ok? Informação: a vaca holandesa produz em média 25 litros de leite por dia, então eu já associei um dado com uma informação, porque eu sei que algumas raças têm uma predisposição maior de produzir mais leite. Conhecimento: é entender que a vaca holandesa que tem uma de produção de 25 litros de leite por dia, ela se inserida em um manejo eficiente e tiver uma sanidade animal um dia, ela pode produzir até 30 litros de leite por dia, então estou associando informações. E a ideia: olha só, se eu sei que a minha vaca holandesa pode produzir mais

de acordo com o meu manejo, o que eu posso fazer para melhorar em relação à genética, em relação aos outros animais que não têm essa pré-disposição tão alta comparada vaca holandesa.

E aí eu chego na minha sabedoria. A minha sabedoria é: entender que existem animais diferentes, com raças diferentes, com genética diferente, mas dependendo do manejo que o exercer com todas essas informações que eu tenho, eu consigo tentar chegar a uma eficiência produtiva melhor. Só que eu preciso entender que quando eu chego na sabedoria eu preciso ter dado atenção ao dado. Se eu não dei atenção ao dado eu não consigo entender o resto do processo. Então por isso que é muito importante nós, enquanto pesquisadores, estudantes, profissionais que trabalham diretamente ou indiretamente com a produção, fazer com que esses produtores entendam que o dado é importante e ele faz parte do dia a dia, o dado está ali embora não utilize ou esqueça de anotar o dado existe.

E quando a gente pensa nos desafios do dia a dia da relação produtores-extensionistas, técnico-profissional eu apontei alguns desafios que a gente vem percebendo, que a gente vem estudando nas pesquisas e principalmente que está presente no dia a dia.

Os Ruídos de comunicação: que é um desafio o clássico, que eu falo uma coisa ele entende outra e aí vem aquele telefone sem fio e a informação ela não é válida, teve o ruído e não existe mais informação.

Informações e ações generalizadas: é aquela questão eu venho aqui em Tupã e eu desenvolvo um projeto e esse projeto dá certo com os produtores daqui, eu acho o modelo sensacional, eu vou lá no Paraná e quero aplicar esse projeto lá. Vai dar certo? “A vai dar certo porque o plano deu certo”. Não, nós não temos garantia que vai dar certo. É uma outra realidade, é um outro clima, é uma outra cultura e eu tenho que considerar todos esses fatores.

O Mercado oportunista: é justamente aquela questão da

empresa que não está se importando com a necessidade específica daquele produtor. Ela não entende o produtor como indivíduo, ela entende o produtor como uma oportunidade de ganho. E ela transpõe todos os objetivos, que é o principal: fazer com que a vida daquele produtor melhore. Então a questão da oferta e da procura e todas as relações capitalistas não cabe aqui a gente discute agora.

Pesquisa e desenvolvimento: tudo o que a professora Cristiane acabou de colocar aqui pra gente, se gente pensar nos três pilares extensão rural, pesquisa e produção, a extensão é o elo que liga aos outros pilares, se não existe um fluxo linear entre esses pilares não vai existir a possibilidade com que isso se desenvolva de maneira harmoniosa.

E por fim a Educação e inclusão tecnológica: nós presenciamos muito a questão do produtor não saber usar o computador, não saber usar uma planilha de Excel, ‘poxa vida’ como o Excel facilita a nossa vida. Não é mesmo? Agora no meu doutorado eu estou fazendo o trabalho com 780 vacas. São diversas informações de 780 vacas. Se não fossem as fórmulas do Excel eu estaria perdida, porque são tantas informações, tantos cálculos que eu preciso fazer a todo momento que se não existisse aquela fórmula dificultaria muito o meu trabalho. Como é importante a gente mostrar para o produtor rural que o Excel uma ferramenta excelente. Sim, ela pode parecer num primeiro momento uma ferramenta difícil, ‘eu não vou conseguir mexer nisso’, mas com paciência e trabalhando a questão da inclusão nós podemos sim fazer com que ele se desenvolva e aprenda a ferramenta.

Eu trouxe em caso aqui pra vocês ‘contar um caso’ com nós falamos lá na roça, de uma oportunidade de ser chamada para atender um haras em uma região do Paraná e o produtor ele falou assim “olha, ele me procurou na universidade e ele queria o pessoal da pesquisa, os veterinários trabalhassem com essa

questão da sanidade animal. O orientador falou pra que eu fosse atendê-lo e atendê-lo. Ele falou assim, olha eu estou com um problema muito sério aqui no haras, as minhas éguas estão abordando muito e elas são vacinadas. Eu não sei o que está acontecendo. Então vai o pesquisador, o profissional fazer anamnese, que é a investigação do caso. Então nós chegamos lá, igual essa imagem aqui com a 'lupinha', vamos investigar tudo, é um sentido de ser detetive mesmo.

Primeira coisa que eu tenho que observar. As Instalações: porque existem muitas patologias que estão relacionadas com o aborto, muitas patologias que podem proporcionar esse aborto nos animais. Só que também tem a questão do ambiente, então tem que observar a instalação, como é feito o manejo do alimento desses animais, se é todo seguro, se é tudo limpo, enfim, eu tenho que fazer todas essas observações para ir montando o quebra-cabeça.

O Manejo: é vacinado, não é vacinado, quantas vezes oferece alimentação, as éguas que estão prenhas elas são divididas do rebanho, existe um tratamento, tem outro manejo, outra rotina com elas? E eu vou coletando informação, o que esses animais comem, só pastos, se é ração, se é suplemento ou onde ficam armazenadas essas rações e esses suplementos? E vou fazer uma investigação, sanidade animal, a questão da vacina e se está tudo em ordem, se ele faz essa prática da sanidade animal. E vou coletar exames laboratoriais. Pelo que ele me escreveu poderia ser diversas patologias, então preciso coletar tal como quando nós vamos um médico, nós precisamos fazer os exames para ele tentar chegar na causa da doença, e quando observei as instalações dele eu vi que as rações eram abertas, elas ficavam no chão e eu pensei no que? Em leptospirose. Porque a leptospirose na fase aguda causa aborto nos animais e ela causa infecção ocular. E tinha égua com infecção ocular, no entanto essa esses sintomas também são sintomas da babesiose, que é uma doença

transmitida por carrapatos, então eu vou lá buscando informação, buscando diagnósticos prováveis, mas eu tenho que chegar e na minha sorologia para tentar chegar a um diagnóstico mesmo.

E enquanto não saiu o resultado da sorologia, eu fui, em uma abordagem bem clara, com todos os cuidados, da sorte que eu tive de vivenciar o mestrado em agronegócio e desenvolvimento, de conhecer a comunicação, de tentar diminuir os ruídos da comunicação, expliquei para ele de todas as orientações necessárias e falei pra ele especificamente da ração. Ele, “não eu entendi tudo, nós vamos mudar..”, ok. Uma semana depois eu cheguei lá de surpresa, porque é assim que a gente fez se a pessoa realmente acatou aquilo que foi dito, nós não podemos avisar, ‘igual visita, a gente não pode avisar quando tem visita para não limpar a casa, tem chegar do jeito que está a rotina da gente’.

E eu encontrei o quartinho em que eles armazenam os suplementos e as rações. Ele realmente colocou um ‘paletesinho’ para a ração não ficar em contato com o chão e não ter umidade na ração. Mas olha lá sacos abertos, o rato tem acesso e a leptospirose é transmitida pela urina do rato, a bactéria fica o ducto urinário e ali eu tenho uma fonte, e depois realmente saiu o resultado da sorologia e foi o diagnóstico de leptospirose.

Então o que eu entendi depois disso? Que além de todos os desafios que nós falamos aqui, os desafios que a professora Cristiane também apresentou e existe a questão da predisposição então. A comunicação também está relacionada a qualquer disposição, que por mais claro que o produtor é pra expor suas dificuldades para o extensionista, ou o mais claro que o extensionista é para passar informação para o produtor, é preciso existir a pré-disposição das duas partes para conseguir e falar assim ‘não eu vou acatar o que ele me disse, vou tentar trabalhar com as informações da melhor forma possível’.

Tem uma frase que é maravilhosa, um cineasta, ator colombiano que diz assim: “entre o que eu penso, o que eu quero

dizer, o que eu digo, o que você ouve, o que você quer ouvir e o que você acha que entendeu, há um abismo. Eu acho que é uma frase maravilhosa para a gente repensar essa questão da comunicação, eu espero ter contribuído um pouco com vocês e depois do nosso bate-papo aqui na mesa redonda a gente pode melhorar ainda mais informações sobre essas experiências muito obrigada.

Vídeo da apresentação

Título: Extensão rural: os desafios da comunicação na agropecuária



Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8ccedit/video.php?id=2

Slides da Apresentação

Título: Extensão rural: os desafios da comunicação na agropecuária



Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8ccedit/presentation.php?id=2



Mesa de debates do 8º Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia

*Cristiane Hengler Corrêa Bernardo^a, Juliana Correa Bernardes^b,
Elizabeth Cristina de Souza de Aguiar Monteiro^c e Fábio Mosso
Moreira^d*

Transcrição da apresentação

Ouvinte:

Eu gostei demais da fala de vocês e gostaria de tecer alguns comentários. Como entrou nessa questão da privacidade eu estava aqui e não ia interferir mais eu não resisto (risos). Porque essa

-
- a Livre docente em Comunicação Empresarial. Professora na UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: cristiane.bernardo@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9957-7437>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9283539953757012>.
- b Mestre em Agronegócio e Desenvolvimento. Estudante de Doutorado em Ciência Animal – Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: bernardescj@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4541-4691>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2106092141135045>.
- c Mestre em Ciência da Informação. Estudante de Doutorado em Ciência da Informação na UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: ecsamonteiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3797-8139>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3258820169472861>.
- d Mestre em Ciência da Informação. Estudante de Doutorado em Ciência da Informação na UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: fabio.moreira@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4997-7958>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1614493890723021>.

questão é muito sensível, nós precisamos estar muito atentos aos efeitos secundários dessa questão do acesso aos dados. Como a professora Cris bem destacou, não é somente aquele acesso mais externo ou visível que é o mais importante, na maioria das vezes o mais estratégico é aquele acesso que não se tem percepção dele, que entra na fala da professora Elaine, que pesquisou a insciência do usuário em relação ao acesso a seus dados.

Quando a gente discute essa questão da privacidade, muitas vezes a gente fica preso nessa questão do problema direto, de uma ação por exemplo que vai poder assaltar, ou de alguém que vai querer ir lá oferecer um produto, ou de alguém que vai querer usar o Governo para fazer uma ação política, mas existem usos mais estratégicos e mais danosos que são menos pontuais, no entanto, tem um efeito mais profundo que é o de consumo e construção de senso comum.

Então quanto mais dados eu tenho sobre o sujeito, mais eu consigo direcionar a mensagem e a comunicação que chega até ele para construir o senso comum. A tecnologia convence o sujeito de questões sobre as quais ele não tenha tanto domínio mas traz elementos para que ele tenha uma opinião as vezes deturpada mas que expõe o interesse de que detêm aqueles dados.

Essa agenda que fica por trás, que a gente tinha uma percepção mais clara quando ainda tinha a comunicação controlada pelas grandes mídias, que, pelo menos, você tinha a ciência de que estava sendo construída por uma agenda de algumas empresas.

A partir do momento que isso passa a ser controlado de forma subterrânea, vamos dizer assim, esses dados são coletados e utilizados de forma não ciente pelo usuário. Então a gente consegue via algoritmos levar até os usuários as mensagens do jeito certo, na hora certa, no momento em que ele está mais vulnerável aquilo, a ponto do cara, por exemplo, tomar uma posição política que as vezes é contra ele mesmo.

Mesa de debates do 8º CEDIT

É um modelo político que vai por exemplo, inviabilizar seu próprio negócio, mas ele quer porque ele acha que aquilo vai ser bom, que aquilo é justo, porque trazem elementos vinculados a aspectos morais e outros aspectos que não tem nada a ver com o que está sendo proposto, mas eles utilizam desse subterfúgio com base nos dados coletados e essa incipiência é muito mais danosa do que o próprio impacto direto de um roubo por exemplo.

E aí a fala de vocês foi muito útil porque quando a Bete fala do Plano de Gestão de Dados, o papel do pesquisador nesse processo de construção de acesso a dados deve ser muito bem pensado. A professora Juliana destacou isso, quando a gente fala que ele confiou em mim, a responsabilidade aumenta porque ele está confiando que nós não vamos divulgar aqueles dados, mas muitas vezes um dado que não é sensível sozinho, quando agrupado com outros, me dão cenários de identificação para agregar com outras bases que eu já tenho.

A gente precisa de uma preocupação muito funda nesse campo. Nós somos um grupo que talvez possa aumentar essa sensibilidade, então a participação de vocês é muito importante, vocês tem essa visão, mas muitos que atuam na extensão rural não se dão conta dessa relevância. Não, mas eu não divulguei o número que infere o interesse, mas não precisa, quando eu tenho uma coleção de alguns dados eu chego até aquilo.

Então eu consigo criar identificação e a partir daí eu crio os links para depois agregar com outras bases que eu tenho.

Muitas vezes um dado que a pesquisa leva ou disponibiliza pode construir aquele ponto de identificação que vai me ajudar a vincular dados que estavam sem essa possibilidade. Então é um caminho muito perigoso, é um momento de transição muito perigoso que a gente está passando, infelizmente a insciência de todos é muito profunda, concordo com a professora Cristiane, quando a gente fala em “1984” até arrepiar mas eu estou ainda mais com um outro modelo. Quando a gente pensa em um

modelo de acesso a dados, a gente não precisa do poder aplicado pela força, quem detêm os dados pode aplicar o poder de forma mais suave.

Passa ser preocupado um modelo mais assim como o “Admirável Mundo Novo”. Nós temos um papel muito importante, por isso que eu fico feliz quando vejo pesquisadores da competência de vocês preocupados com isso.

Eu queria de novo agradecer e antes de entrar nos tópicos, destacar o fato de vocês terem trazido a tona essa questão, a professora Cristiane inclusive prometeu que sairia um livro desse trabalho dela, estamos aguardando o livro que vai ser um guia de interação com o agricultor. Espero que ela consiga achar janelas para conseguir divulgar isso porque é muito importante, esse livro precisa sair logo porque é muito importante para a atuação, para a práxis do pesquisador para que a gente possa ter um checklist na interação com o agricultor, é uma cobrança que eu faço e vai ficar gravado (risos) ela prometeu que ia sair, a gente precisa desse livro logo.

Cristiane:

Eu gostaria de comentar uma coisa Ricardo, em relação ao que você falou porque esse modelo que você colocou da construção do senso comum e tudo mais, é o mesmo modelo utilizado pela inteligência de mercado.

Esses dias eu estava lendo um artigo, que é um negócio que parece assim tão surreal que a gente fala como a gente está suscetível, a gente acha que, na teoria da recepção, a gente tem um domínio daquilo que está comprando ou consumindo, tanto culturalmente quando economicamente, e na verdade tudo isso está sendo construído. Nesse artigo que eu estava lendo sobre inteligência de mercado, ele traz um case que é um negócio que eu fiquei boquiaberta e queria compartilhar com vocês.

Uma moça que tinha hábitos em um supermercado, e esse

Mesa de debates do 8º CEDIT

supermercado fazia uma inteligência do consumidor, e no padrão de compra dela acusou que possivelmente ela estaria grávida e começou a enviar propaganda de fralda, etc. Ela não sabia que estava grávida mas ela estava grávida, porque mudou o padrão, ela deixou de comprar absorvente, coisas que mensalmente remetiam ao fato dela não estar grávida ela deixou aquele padrão de consumo e passou a consumir outras coisas talvez que um padrão de mulher grávida consumisse.

Ouvinte:

Eu achei muito relevante, nós estamos do lado da Ciência da Informação mas eles têm realidades diferentes de nós que abre um leque de pesquisa e possibilidades de outras contribuições que nós poderíamos estar também fazendo desde nossa área. Então aí eu queria perguntar para a professora Cristiane e professora Juliana se há um diálogo do Governo com esses órgãos da política do ATER, a Juliana falou do SENAR, mas há um diálogo nessas instâncias que pretende aproximar um pouco as pesquisas para diminuir essa distância entre o pesquisador do extensionista e do produtor?

Não sei se olhando desde o extensionista, ou do produtor, ou faculdade, não conheço muito o cenário do extensionismo no Brasil. Mas se existe um diálogo nesse sentido, para aproximar desde política pública aproximar o pesquisador do produtor rural, dos pequenos produtores.

Ouvinte:

Só fazendo um adendo à pergunta dela, que eu acho que também vai complementar com o que eu vou perguntar.

Eu vejo, por exemplo, na UNESP uma participação muito maior da unidade perto de produtores, aqui tem dentro da universidade alguns projetos, e eu venho de uma universidade pública que a gente não via a comunidade dentro da universidade.

Algumas pessoas nem tinha noção, por exemplo, do que é a universidade na cidade, com vários cursos, um campus bem maior que o da UNESP/Tupã em que eu vejo no estado de São Paulo essa participação maior. Ao que se deve isso? O que fez com que esses produtores viessem aqui para dentro?

Cristiane:

Eu entendo que são iniciativas isoladas, essa política pública não fomenta essa interação de forma alguma. Até se a gente pegar a história da ATER a gente vai ver que ela chega no Brasil em um modelo totalmente igual ao norte-americano. Eles tentam implantar aqui no Brasil um modelo que havia sido implantado lá e que obviamente não iria funcionar aqui porque as realidades eram diversas.

Teve uma época até que funcionou bem o serviço de extensão no Brasil, hoje se a gente for falar em termos de extensão estadual que é o que está mais próximo da gente, que são feito pela CATI, a CATI hoje está sucateada, não tem dinheiro para por combustível no carro.

Dados que estão sendo coletados eles não conseguem terminar, não conseguem publicar isso porque não tem verba para ir até o produtor e fazer essa coleta.

Hoje qual está sendo o papel da CATI? Ela está esperando o produtor vir até ela porque ela não tem como ir até o produtor, então cada vez mais os Governos, estou falando em nível estadual mas no federal é a mesma coisa talvez até pior, eles estão sucateando esses serviços de extensão rural.

E aí mora um perigo muito maior, que é um perigo do que a Juliana trouxe aqui que é do mercado ocupar esse espaço. Por exemplo, as empresas que vendem insumos, elas vão lá e tentam ocupar essa lacuna e vão lá e falam esse insumo é ótimo mas as vezes não é isso que o produtor precisa, mas ele vai vender o produto dele na verdade.

Mesa de debates do 8º CEDIT

Ele faz uma extensão explicando como aplicar o produto e tudo mais porque existe uma lacuna. Quando o pessoal dessa cooperativa que eu falei do Paraná, eles fazem assim, o produtor lá não pode comprar nada fora da cooperativa porque os pesquisadores fazem testes e indicam o que pode ser comprado ou não, qual eficiência daquele produto ou não.

Imagina um produtor aqui, ele não tem essa orientação, chega lá e fala, olha esse produto é ótimo, ele é mais barato que esse, e muitas vezes eles mudam por uma questão econômica, ou a questão ambiental que eles não estão nem um pouco preocupados, então eu acho que as políticas públicas deixam muito a desejar e acho que a universidade nesse sentido não pode ficar esperando só das políticas públicas.

Eu acho que aqui é isso, a gente tem feito um movimento para trazer o produtor aqui para dentro e para ir atrás dele também. A gente vê vários projetos que fazem esse movimento mas a gente também tem professores que trabalham com pesquisa voltada para o agro e que não tem essa relação, por isso que eu falo que é individual, são ações individuais.

Então dentro de uma mesma instituição a gente tem as pessoas que estão predispostas à extensão e ao diálogo e pessoas que não estão predispostas.

Juliana:

Complementando a fala da professora Cristiane, se a gente for observar o PRONATEC, que é o programa nacional que trabalha com esses cursos de técnicos e profissionalizantes, quando eles vão aplicar os cursos nas diferentes regiões, eles precisam seguir uma cartilha que tem as diretrizes de manejo, as diretrizes de nutrição animal, as diretrizes de sanidade animal, que são diretrizes gerais mas que se o profissional que está aplicando o curso não fazer a adequação do local que se está sendo oferecido não vai existir esse processo dialógico.

Nós estamos em um ambiente onde está sendo aplicado cursos para produtores rurais, existe o contato ali entre instituição e produtor rural, mas se a aplicabilidade não favorecer aquela região a gente também entra no mesmo desafio.

Existe essa questão de pensar no ambiente como individual em relação aquele grupo, vou aplicar para aquele grupo, porque se eu pensar em só aplicar a cartilha vai ser generalizado e os efeitos não serão tão positivos quanto se esperava.

Cristiane:

Só para complementar, porque eu acho que é um dado interessante, eu estou fazendo um estudo agora sobre uma política pública especificamente do estado de São Paulo que se chama Fomento para fazer integração Lavoura, Pecuária e Floresta, ela chama Integra São Paulo.

Ela é muito semelhante ao Plano ABC, não sei se vocês conhecem mas é muito semelhante na questão do resgate de carbono e também fomenta essa questão da integração, porque é para fazer reforma de pasto, melhor as condições do gado, normalmente é pecuarista que faz esse tipo de financiamento.

O Plano ABC, eu não vou lembrar em termos de percentuais, mas os juros é 3 vezes maior que o do Integra São Paulo. Nós estamos com uma quantidade de pasto degradado aqui no estado de São Paulo absurda.

O Governo, não esse atual, o anterior, ele criou esse Integra São Paulo que foi uma maravilha, mas ele só criou. Você vai no produtor e fala pra ele se eles está fazendo manejo de integração para melhorar seu pasto? Ah, não porque o financiamento do Plano ABC é muito alto e não compensa para gente. Mas vocês conhece o Integra São Paulo? Não, não conheço.

Então você tem algumas regiões, e você vai no conto que você perguntou, lá na região de Rancharia, por exemplo, um agente da CATI que é produtor e pecuarista e teve conhecimento

Mesa de debates do 8º CEDIT

fez, e aí ele é um agente disseminador entre os produtores. Lá funcionou, então você tem uma região de Rancharia na EDR lá que muitos produtores fizeram essa reforma de pasto com esse financiamento. Aqui na região de Tupã ninguém conhece.

É um fomento, mas é uma questão de produtividade ambiental que ajuda muito a questão da terra, do solo, do bem-estar animal, porque gera sombra para o gado, mas não chega.

E nem os agricultores que são clientes bancários divulgam isso para o produtor, não sei porque motivo, talvez porque não seja para eles lucrativo, nem a CATI porque está sucateada.

Não é por mal que ela não faz isso, porque tem extensionistas excelentes dentro da CATI, mas é porque ela não tem condições. Vocês já entraram na CATI aqui? Não tem nem secretária mais, você entra lá e tem que ir direto nas salas porque não tem ninguém para te atender.

Fábio:

Foi mencionado a questão das políticas públicas e eu acho bacana porque as vezes as políticas acabam virando mais um instrumento de marketing do Governo, “ah eu vou ter 21 bilhões pro PRONAF”, isso é o orçamento mas se você for fazer a mensuração do que foi de fato executado desses 21 bilhões se for metade.

Juliana:

É interessante que essa questão do marketing é muito por conveniência. Quando nós fizemos aquele trabalho que nós estudamos as políticas públicas voltadas para os jovens, de todos os jovens que eu entrevistei nenhum jovem nunca ouviu falar de política pública para jovem rural, não sabia nem que existiam políticas públicas para o jovem rural. São mais de oito políticas públicas para jovem rural, mais uns três programas, mas ninguém conhecia. Então por que ninguém conhece?

“Ah mas eu nunca ouvi falar”. Realmente nós não vemos nos meios de comunicação falando sobre essas políticas, mas quando você entra em sites governamentais eles divulgam dados, mas lá do Maranhão, umas regiões pontuais para falar que existe, para falar que dá certo, para trazer índices positivos de que funciona, que a vida das pessoas está mudando, mas a vida de quais pessoas está mudando?

Ouvinte:

E geralmente é superestimado, a pesquisa do Fábio foi isso, divulga só o orçado, e quando divulga é sempre no passado, “olha fizemos isso com 20 bilhões”, mas não foi realizado.

Cristiane:

Eu entrevistei um pessoal da CATI de Dracena e o diretor estava falando o seguinte, que ele foi a principal região do estado a implantar essa política pública que era basicamente para dar estrutura básica desde fossa até construir outro tipo de saneamento. Era uma política que não tinha que ter um retorno, o Governo te dava dinheiro para fazer aquilo.

Ele não conseguiu, por que? Primeiro ele não conseguia convencer os extensionistas de que aquilo era real, e depois a hora que ele conseguiu eles falaram “não, a gente vai chegar lá para o produtor e falar que não tem que pagar, depois aparece alguma coisa para ele pagar, nunca mais a gente volta”. Ele teve que fazer um trabalho de conscientização do extensionista porque isso era real, porque hoje no Brasil a gente não acredita que alguma coisa seja feita assim para o pequeno produtor, para o grande é sempre, nunca ele paga, mas para o pequeno não.

Aí ele teve que fazer todo esse trabalho com os extensionistas até que ele conseguiu e o extensionista falou para o produtor e o produtor falava “o que eles estão querendo com isso?”. Então foi um trabalho muito grande para conseguir

Mesa de debates do 8º CEDIT

implementar isso, e ele recebeu até prêmio da regional dele lá, mas ele disse que foi difícil.

Outras unidades que não tenha a mesma disponibilidade ou estrutura, ou não acreditaram nem o chefe não acreditou de repente, e não conseguiram implantar.

Ouvinte:

Isso entra naquilo que você colocou, que algumas universidades conseguem aproximar um pouquinho mais, não suficientes como esse menino, mas com iniciativas.

Cristiane:

Mas ele conseguiu até um pouco mais de fomento, de pesquisa que a gente acaba deslocando para questão de divulgação científica consequente de extensão, depende de tudo isso. Depende também dessa relação de proximidade.

Ouvinte:

Eu gostaria de fechar aqui nesses últimos minutinhos, e de novo eu gostaria de parabenizar vocês, gostaria de pedir para o Fábio depois pedir uma autorização sua (Juliana) para pegar aquele trequinho que você fala dos dados, informação, que eu achei muito didática, achei muito legal, quando você chegou em sabedoria e volta e fala da importância dos dados, ficou muito didático então parabéns pelo seu esforço de aproximação.

Espero que a Cris cumpra a promessa de lançar o livro que ela ficou devendo (risos) porque é um livro muito importante, e são tantas questões que ainda gostaria de falar mas vou deixar aberto um convite para os próximos encontros, para que vocês estejam presentes, quero agradecer a presença da plateia também e avisar a todos que nos ajudem a divulgar nas suas redes sociais os links dos vídeos que vamos deixar lá, quando mais alcance tiver essas falar mais efeito a gente vai ter, é um trabalho de

formiguinha mas é importante.

É uma pedrinha que a gente joga no lago e essa onda vai se abrindo e alcançando outras pessoas, e a gente vai chegar muito longe, podemos não cobrir o mar inteiro mas vamos cobrir aqui a parte que nos cabe. Obrigado.

Cristiane:

Querida só fechar minha fala aqui com um case da literatura de comunicação rural, não sei se alguém já leu Bordenave aqui, mas é um dos principais nomes da comunicação rural e ele tem um case que conta em um daqueles livrinhos da coleção “Primeiros Passos”, que conta o seguinte, que um determinado extensionista de renome e pesquisador também, com todos os méritos, ele foi dar um dia de campo para um grupo de produtores. Ele foi lá, levou dados, um monte de coisa interessante, uma palestra assim de excelência.

E no final da palestra o representante dos produtores o procurou para agradecer da sua palestra, e ele falou “vocês gostaram da palestra”, e ele respondeu “nossa, o doutor é muito inteligente, pena que a gente é burro e não entendeu nada que o senhor falou”. Então eu acho que fica essa reflexão para gente, de ter uma comunicação de acordo com o público que a gente tem e que não precisa ser uma comunicação rebuscada, mas precisa de uma comunicação eficiente e que realmente chegue no público. É isso que eu queria deixar de mensagem para vocês.

Juliana:

Na minha fala, a minha mensagem é de importância para agricultura familiar, esse tema e essa classe ou setor é extremamente importante, é um setor que abastece nossa mesa, é um setor carente de informação, é um setor carente de atenção. Lá fora existem pouquíssimas pessoas interessadas em olhar para essas pessoas, então nesse ambiente de universidade muitos

Mesa de debates do 8º CEDIT

começando sua graduação agora, ou começando sua fase de pós-graduação mestrado ou doutorado, mas deem atenção porque é muito importante para o desenvolvimento local e para o desenvolvimento do país. Ainda mais quando nós vivemos essas incertezas políticas e incertezas de direcionamento de que rumo nós vamos chegar.

Elizabete:

E quanto nossa área da Ciência da Informação, um campo que a gente tem para poder fazer essa mediação mesmo, entre o produtor, o consumidor, os pesquisadores, todo esse meio campo para poder divulgar e estimular essa comunicação.

Fábio:

Então eu gostaria de agradecer em nome do nosso grupo de pesquisa, a professora Cristiane e a professora Juliana pelas palestras, eu espero que essa aproximação entre vocês e o grupo ela continue e a gente consiga sempre estruturar alguma coisa para contribuir com a nossa área de interesse.

Agradecer à Bete e a Elaine por ter destinado um esforço de fazer essa síntese, essa explicação dos principais resultados de pesquisa. Por trás de muita coisa que a gente falou hoje, ressaltar aquele problema de que as pesquisas ocorrem e poucas vezes depois que são publicadas chegam até a comunidade.

Quando o professor Ricardo teve a ideia de fazer essas exposições era justamente então para, de uma maneira bem simples e direta, vocês podem ver que os vídeos são geralmente curtos, estar comunicando exatamente o ponto principal da sua pesquisa. Então um obrigado para Bete também e para a Elaine.

E agradecer também ao público presente aqui hoje que compareceu e destinou um pouco do tempo de vocês para estar aqui conversando com a gente, desejo então um bom final de semana a todos, e comunico que em breve divulgaremos mais

uma edição do nosso Ciclo de Estudos que aborda dados, informação e tecnologia.

Um grande obrigado a todos.

Mesa de debates do 8º CEDIT

Vídeo da apresentação

Título: Mesa de debates do 8º CEDIT



Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8cedit/video.php?id=3



Questões de consciência sobre a coleta de dados de usuários por bibliotecas digitais

Elaine Parra Affonso^a

Transcrição da apresentação

Essa apresentação faz parte das atividades do 8º CEDIT (Ciclo de Estudos Dados Informação e Tecnologia) da UNESP de Tupã. O objetivo é explicitar sobre a insciência do usuário na fase de coleta de dados, para tanto relata se os resultados alcançados no artigo intitulado “Privacy awareness issues in user data collection by digital libraries”, publicado na IFLA journal.

Meu nome é Elaine Parra Affonso, professora da Fatec/Presidente Prudente, autora deste artigo que foi desenvolvido juntamente com o Professor Ricardo Gonçalves Sant’Ana da UNESP de Tupã.

Com o aumento exponencial dos dispositivos tecnológicos ampliam-se também as atividades que realizam coleta de dados. Além da coleta de dados realizada nos ambientes digitais de modo explícito, existem dados que circulam silenciosamente nas redes de computadores, o que resulta na insciência sobre o processo de coleta de dados.

^a Doutora em Ciência da Informação. Professora na Faculdade de Tecnologia de São Paulo – FATEC. E-mail: elainepff@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3953-462X>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8697314376216832>.

No cenário das bibliotecas digitais, a coleta de dados pode ocorrer no momento de interação do usuário ao realizar uma busca no site, ao preencher um cadastro para solicitar informações, incluindo os dados de tráfego nas redes de computadores.

O objetivo deste trabalho foi investigar os aspectos de privacidade na fase de coleta de dados pelas Bibliotecas Nacionais Digitais da América do Sul.

A metodologia deste trabalho baseou – se em:

- Identificação de Bibliotecas Nacionais Digitais de países da América do Sul.
- Pesquisa exploratória nos sites das bibliotecas digitais para identificar as seguintes questões: disponibilização de políticas de privacidade; protocolo de comunicação utilizado; identificação de dados coletados com a consciência do usuário; identificação de possíveis dados coletados implicitamente durante a interação do usuário com o ambiente digital, por meio da ferramenta WireShark.

Os pacotes trafegados na rede de computadores durante a interação com o site da Biblioteca Digital do Brasil foram coletados e foi selecionado um pacote para análise e exemplificação.

Ressalta-se que a coleta realizada durante a interação do usuário com o ambiente da biblioteca digital se deu pelo equipamento do autor e utilizando rede doméstica.

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada no mês de julho de 2017.

Resultados: Foram identificados nove países da América do Sul que disponibilizam Bibliotecas Digitais Nacionais.

A Biblioteca Nacional Digital do Brasil e da Colômbia apresentam orientações sobre questões que envolvem privacidade.

Na exploração dos sites foi observado que a disponibilidade de políticas de privacidade para promover a consciência sobre o processo de coleta de dados, é limitada.

A maioria das bibliotecas utilizam o protocolo HTTP, configurando assim problemas com a segurança dos dados e consequentemente ameaças à privacidade e proteção de dados pessoais.

Três bibliotecas (Argentina, Brasil e Chile) solicitam algum cadastro para que seja possível reservar documentos, Isso ampliar acesso aos dados sobre os usuários e possíveis implicações na privacidade.

Os dados coletados que são explícitos para os usuários são aqueles solicitados no momento de cadastro, tais como: nome, e-mail, login, password, termo de busca, profissão e comentários.

Ao analisar um pacote de dados de tráfego durante a interação do usuário com ao ambiente nota – se a presença de outros dados, tais como: data e hora de solicitação, endereço IP, dados de localização, informações de navegador e sistema operacional, cookies e endereço MAC. Esses dados isolados podem não caracteriza ameaças à privacidade, no entanto, quando combinado com outros dados podem implica em ameaças à privacidade do indivíduo.

Esses dados não são perceptíveis para o usuário no momento da interação com o ambiente digital, o que aumenta a abstração para o usuário sobre o processo, ao contrário do detentor que pode ampliar o conhecimento sobre esse processo, cenário que confirma a assimetria informacional entre detentores de dados e usuário. Desta forma a percepção da coleta e em apenas em relação aos dados que são relatados pelo próprio usuário.

Destacamos os problemas de privacidade na fase de coleta, analisando dados que são coletados explicitamente e implicitamente.

As camadas de abstração presentes nas redes de

computadores ao organizar e simplificar o seu contexto complexo, encapsulam detalhes de comunicação, o que implica em problemas relacionados à privacidade.

As ameaças à privacidade podem ser ampliadas pela insciência do usuário sobre quando, como e onde a coleta de dados ocorre.

Outros aspectos também pode ser preocupantes, como a possível correlação dos dados com outros bancos de dados, formando perfis e aumentando o conhecimento dos detentores de dados em relação ao usuário.

Assim bibliotecas digitais precisam disponibilizar políticas de privacidade a fim de orientar os usuários em relação a coleta de seus dados.

Essas políticas não devem específicas apenas dados que os usuários fornecem voluntariamente mas também dados que são abstraídos das camadas de redes de computadores.

Essa é a referência do artigo citado na apresentação, e segue o contato dos autores.

Vídeo da Apresentação

Título: Questões de consciência sobre a coleta de dados de usuários por bibliotecas digitais



Privacy awareness issues in user data collection by digital libraries

Publicado: **IFLA journal**, v. 44, n. 3, p. 170-182, 2018.



Elaine Parra Affonso
Fatec Presidente Prudente



Ricardo César Gonçalves Sant'Ana
Unesp/Tupã

Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8ccedit/video.php?id=4

Slides da Apresentação

Título: Questões de consciência sobre a coleta de dados de usuários por bibliotecas digitais



Questões de consciência sobre a coleta de dados de usuário por bibliotecas digitais

Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8cedit/presentation.php?id=4



Plano de gerenciamento de dados em repositório de dados de universidades

Elizabete Cristina de Souza de Aguiar Monteiro^a

Transcrição da apresentação

Olá, eu sou Elizabete Monteiro, estou apresentando um artigo que foi publicado na revista Encontros Bibli para o 8º CEDIT, o Ciclo de Estudos Dados, Informação e Tecnologia, que ocorre na UNESP de Tupã, sob a coordenação do professor Ricardo César Gonçalves Sant’ana.

Esse trabalho tem o título de “Plano de Gerenciamento de Dados em Repositórios de Dados de Universidades”, com coautoria com o professor Ricardo Sant’ana.

Dados científicos fazem parte do cotidiano do processo de pesquisa, a necessidade tanto do compartilhamento quanto do acesso de dados, ela é reconhecida, está evidente nos documentos de planejamento de muitos projetos e nas colaborações científicas. E a reutilização desses dados proporciona benefícios a toda a comunidade científica.

No seu processo da comunicação científica, os pesquisadores fazem a gestão dos seus dados. Essa gestão é uma

^a Mestre em Ciência da Informação. Estudante de Doutorado em Ciência da Informação na UNESP – Universidade Estadual Paulista. E-mail: ecsamonteiro@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3797-8139>. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3258820169472861>.

parte essencial de todas as fases da pesquisa, pois ela vai viabilizar a replicação e reprodução dos dados, a avaliação das afirmações científicas que são feitas pelos autores, a verificação dos resultados publicados e a realização das análises alternativas.

Esses dados são depositados, são arquivados em repositórios de dados científicos, que são ambientes digitais implementados inclusive nas universidades com infraestrutura para dar suporte aos pesquisadores na gestão de seus dados e na disponibilização desses dados, o que vai potencializar a reutilização por outros pesquisadores.

Na gestão de dados os pesquisadores contam com um documento formal, que é um plano de gerenciamento de dados onde ele vai descrever todo o processo de gestão dos seus dados integrando o ciclo de vida. A elaboração deste plano de gestão auxilia tanto os pesquisadores que fazem a coleta, os profissionais que atuam no repositório e os pensos pesquisadores que vão fazer a pesquisa nos repositórios em utilizar esses dados.

Esse plano, esses documentos, essas informações e instruções referentes à gestão dos dados científicos disponibilizados nos repositórios, para eles foram adotados nesta pesquisa e neste artigo o termo planos de gerenciamento de dados para poder padronizar.

Nesse contexto, foram baseados dentro do ciclo de vida de dados da ciência da informação proposto pelo professor Ricardo Sant'ana.

Nisso, nós temos o ciclo de vida dos dados no repositório, onde nós temos o pesquisador, que tem os seus dados, que utiliza do plano de gestão de dados para sua gestão e arquiva esses dados no repositório. Temos o ciclo de vida dos repositórios, onde ele tem os seus funcionários que vão fazer a gestão desses dados utilizando do seu plano de gestão, que também vai servir de base para os outros pesquisadores que vão ao repositório e pesquisar e utilizar esses dados.

Com isso o objetivo deste estudo foi investigar quantos e quais repositórios de dados das 100 melhores universidades do mundo disponibilizam um plano de gestão de dados. E a partir daí, identificar os aspectos relacionados aos possíveis benefícios gerados.

Essa é uma pesquisa documental, exploratória, de natureza qualitativa e quantitativa. Foi utilizada a metodologia exploratória para fazer o levantamento das universidades através do site webometrics.info.

Os resultados demonstraram que das 100 universidades selecionadas, 55 delas possuem repositório de dados. E desses 55 repositórios, 36 disponibilizam de planos de gestão de dados.

Foi percebido que, dentro dessas universidades, os seus planos de gestão variam dependendo das características dos repositórios, dados de perdas que eles cobrem e dos dados que são neles depositados. Foi verificado também duas ferramentas que eles indicam para poder elaborar o plano de gestão de dados, onde trazem modelos e informações relacionadas ao plano.

Referente aos aspectos de benefícios do uso do plano de gestão, foram avaliados vários aspectos principalmente intenção da sua integridade, proveniência, acesso aos dados, citação, referência, metadados, as licenças de uso e os aspectos de privacidade.

Dentro das nossas considerações nós verificamos que, das 55 universidades com repositório de dados, dezenove delas não foram localizados seus PGDs. As universidades implementaram repositório de dados, no entanto a gestão de dados ainda não está explicitamente evidenciada. Os benefícios gerados pelo plano de gestão de dados são variados. Suas orientações ajudam a conduzir a gestão pelos pesquisadores em suas pesquisas e nos repositórios, assegurando que os diversos aspectos indicados principalmente pelas agências de fomento sejam abordadas e que os dados publicados têm uma probabilidade de serem replicadas.

As vertentes apresentadas corroboram com a área da ciência da informação, que por meio do seu arcabouço teórico e prático pode contribuir desde o projeto a implementação de repositórios, como o seu ciclo de vida dos dados, com gerenciamento dos dados e as orientações e os pesquisadores para a elaboração dos planos de gestão de dados. Os profissionais da ciência da informação tem o campo estimado e produtivo de atuação e de pesquisa.

Vídeo da apresentação

Título: Plano de gerenciamento de dados em repositório de dados de universidades



**Plano de Gerenciamento de Dados em
Repositórios de Dados de Universidades**

Elizabete Cristina de Souza de Aguiar MONTEIRO Ricardo César
Gonçalves SANT'ANA



Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da
informação, Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 160-173, set./dez., 2018. DOI:
10.5007/1518-2924.2018v23n53p160

Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8cedit/video.php?id=5

Slides da apresentação

Título: Plano de gerenciamento de dados em repositório de dados de universidades



**Plano de Gerenciamento de Dados em
Repositórios de Dados de Universidades**

Elizabeth Cristina de Souza de Aguiar MONTEIRO
Ricardo César Gonçalves SANT'ANA

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da
informação, Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 160-173, set./dez., 2018. DOI:
10.5007/1518-2924.2018v23n53p160

Disponível em:

http://dadosabertos.info/enhanced_publications/8ccedit/presentation.php?id=5